

Artesanato, cultura e desenvolvimento local no pantanal de Corumbá: Casa do Massa Barro

Craftsmanship, culture and development in the Corumbá Pantanal: House for Clay Workmanship

ROSANGELA CARLA DE OLIVEIRA MULLER¹

APARECIDO FRANCISCO DOS REIS²

MARIA AUGUSTA DE CASTILHO³

JOSÉ ZWCHIWSKI⁴

¹ Mestre em Desenvolvimento Local pela UCDB.

² Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

³ Professora do Mestrado em Desenvolvimento Local da UCDB.

⁴ Doutor em Antropologia pela UnB e membro da SECAD/MSC.

RESUMO

Este artigo, resultante de uma dissertação de mestrado, procura apresentar e discutir o projeto social de artesanato na cidade de Corumbá, a partir das noções de exclusão, arte, cultura e desenvolvimento local. Tal iniciativa apresenta aspectos de inclusão social e desenvolvimento local à medida que o artesanato apresenta possibilidades de aprendizagem e de manifestação da identidade e da cultura local, relacionando-as com o ambiente sócio-ambiental do Pantanal.

PALAVRAS-CHAVE

cultura
Desenvolvimento Local
inclusão social

ABSTRACT

This article, resultant of a mestrado dissertation of, looks for to present and to argue the social project of artesanato in the city of Corumbá, from the slight knowledge of exclusion, art, culture and local development. Such initiative presents aspects of social inclusion and local development to the measure that the artesanato presents possibilities of learning and manifestation of the identity and the local culture, relating them with the partner-ambient environment of the Pantanal

KEY WORDS

*culture
Local Development
social inclusion*

1 INTRODUÇÃO

Estamos vivendo sob a força da globalização que transforma tudo em provisório e variável, as pessoas assumem identidades diferentes em diferentes momentos. Pelas necessidades de sobrevivência e de comercialização e por sofrer as pressões dos imperativos de mercado, o artesão corre o risco de desvirtuar a essência do produto original, fabricado artesanalmente, perdendo valores e tradições, descaracterizando a sua identidade. O artesanato regional de Corumbá, especificamente da Casa do Massa Barro, para obter um diferencial qualitativo, e/ou uma identidade comercial para os seus produtos precisa saber qual o significado visual e comercial do artesanato regional na identidade cultural da população local.

O objetivo deste trabalho foi de identificar e analisar o artesanato regional com vistas à criação de um diferencial qualitativo, ou uma identidade comercial para os produtos artesanais da Casa do Massa Barro, onde foi buscado:

- a) Levantar a produção artesanal do Massa Barro em Corumbá-MS;
- b) Analisar a relação entre os elementos visuais com a identidade cultural regional;
- c) Identificar e analisar a possibilidade de utilizar esse artesanato no Desenvolvimento Local.

Dentro de um caráter especificamente qualitativo das ciências sociais que a metodologia foi desenvolvida, onde não há exatamente uma preocupação em quantificar e sim em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos.

1 A CASA DO MASSA BARRO E A QUESTÃO SOCIAL

Corumbá é um pólo turístico, um local rico em história, cultura, lazer e natureza. Tem atrativos para ser visitado o ano inteiro, com diferentes pontos turísticos, tais como o Casario do Porto, tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional em 1992; o Cristo Rei do Pantanal, uma imagem de 12m de altura localizada no alto do morro do Cruzeiro; a Estrada Parque, com seus 120 quilômetros, onde se pode ver aves, mamíferos e répteis; os fortes Coimbra (acesso apenas de avião

e/ou barco) e Junqueira (situado dentro do quartel do 17º Batalhão de Caçadores); e, as casas de artesanatos (da Escultora, do Artesão, e do Massa Barro). A exuberância da fauna e flora pantaneiras é a fonte de inspiração para artistas locais que geram riquezas a partir do artesanato da cidade. Por fim, Corumbá tem ainda atividades festivas durante seis meses do ano como: Carnaval, Festival América do Sul, Banho de São João, Feira Agropecuária, Festival do Pantanal e Festival Gastronômico.

Entretanto, Corumbá tem também os problemas que afligem o mundo em geral. Tem os problemas comuns às cidades brasileiras do seu porte, entre outros, tais como: concentração de renda, alto índice de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza, elevado nível de desemprego, acesso aos programas sociais não disponíveis a toda a população, e considerável número de crianças nas ruas. Uma situação que acaba, criando uma possibilidade de marginalização, gera alto índice de violência de jovens no município (gangues), índice alarmante de prostituição infantil e violência urbana e rural, e alto consumo e comercialização de drogas no município. É neste cenário bastante contraditório que surgiu a Casa do Massa Barro em 1982.

No 'imaginário urbano', a forma como são organizados os espaços, a pobreza, a falta de emprego, carências materiais, ineficiência do poder público, leva a uma das formas de desterritorialização urbana que é a exclusão social, como vemos em Pesavento (1999), Feijó e Assis (2004) e Menezes e Brasil (1998). Segundo Pesavento (1999) o espaço social se organiza segundo a lógica da diferença, e as palavras que o representam traduzem, de maneira simbólica, estas distâncias, desigualdades e diferentes formas de ser.

Feijó e Assis (2004) assinalam que a idéia de exclusão social assinala um estado de carência ou privação material, de segregação, de discriminação, de vulnerabilidade em alguma esfera e, também, que à exclusão associa-se um processo de desvinculação social/espacial. Para estes o excluído não escolhe a sua condição; ela se dá numa evolução temporal como resultado das mudanças na sociedade como, por exemplo, as crises econômicas.

A exclusão social pode ocorrer de várias formas, segundo Feijó e Assis (2004): a econômica, a cultural, a territorial e a étnica. A econômica, citada como a mais grave, é quando o país, por questões políticas, administrativas, ou como resultado de um processo mundial, não gera emprego para seus cidadãos, deixa de lado, geralmente, os menos preparados, os que já se encontram em uma zona menos privilegiada. A exclusão cultural é quando a segregação cultural priva o indivíduo de obter uma escolaridade que é o instrumento para maiores chances de um emprego com melhor remuneração, assim como, de ter acesso a informações que o habilitem a exercer sua cidadania de forma plena. Na exclusão territorial temos o afastamento do o cidadão do convívio com o restante da sociedade, do emprego, da escola e, até, da terra produtiva. Na segregação étnica temos classificações para os indivíduos como seres inferiores e diferentes, impedindo que usufruam plenamente dos bens de consumo, da escola, de serviços de saúde, alijando-os do convívio sadio e produtivo na comunidade provocando comportamento de revolta entre os indivíduos. Esta última constituiria, para os autores, por si só como problema relevante trazendo consigo conseqüências, como o desemprego, a falta de alimento, de acesso a serviços de saúde, de moradia adequada, de recursos que possibilitem desempenhar bem papéis na comunidade (FEIJÓ e ASSIS, 2004).

Não se deve negligenciar o papel da criança na sua saída para a rua, como também não se deve esquecer a atração que a rua exerce sobre ela, assinala Menezes e Brasil (1998) citando Luccini (1993). Segundo Menezes e Brasil estudos apontam que as questões que levam a criança para a rua estão ligados: a) à situação econômica da família, b) à fragilidade da sua organização, c) à exploração da criança e d) violência.

Num contexto de exclusão, a arte tem uma função social primordial para qualquer civilização, segundo a Escola de Belas Artes/UFMG (2001)¹, pois o artista age onde o restante da sociedade é impotente. O saber denominado cultura popular é o saber próprio de cada grupo numa sociedade dividida em classes sociais, com elementos e condições econômicas e educacionais distintas, proveniente de diferentes

lugares. “O artesanato é uma parte da técnica da arte”. A atividade econômica, no processo evolutivo da raça humana, deve ser examinada como etapa inicial. “E foram as mãos que abriram o caminho para a longa e vitoriosa jornada que ainda prossegue”. A Escola de Belas artes acredita poder chamar de artesanato, embora nascente, a soma dos processos que aumentaram a eficácia da ação produtiva do homem.

O nome, Casa do Massa Barro, segundo a Associação, bastante sugestivo, foi inspirado pelo poeta da terra conhecido como Gabriel Vandoni de Barros, por comparar o trabalho do pássaro com o barro para construir o seu ninho, com as criações em cerâmica que poderiam sair das mãos das crianças, “transformando sonhos em realidade”. Massa Barro, para fins de ilustração, é um nome regional do João de Barro, pássaro cuja cor é cor de terra que constrói com barro o seu próprio ninho.

Teve a sua constituição, conforme documentos da Associação, em 4 de outubro de 1982, num modesto rancho, situado à Rua Cacimba da Saúde, no bairro da Cervejaria em Corumbá. Hoje está em prédio próprio, construído por Gabriel Vandoni de Barros. A Casa do Massa Barro é formada por voluntários: Diretora - Ida Sanches Mônaco; Vice-Diretora – Josephina Por Deus da Silva; 1º Secretário – Enilson Rosano de Campos; 2º Secretário – Valdenir Maciel Delgado; 1º Tesoureiro – Carlos Alberto Mônaco; e 2º Tesoureiro – Lourival Moraes Fernandes.

Trata-se de uma associação artesanal, sem fins lucrativos que foi formada com crianças e rapazes da região da Cervejaria. A associação é destinada principalmente a trabalhos em cerâmica, não excluídas, porém outras atividades correlatas, sob a orientação das senhoras Ida Sanches Monaco e Josephina por Deus da Silva.

Os trabalhos desenvolvidos pela Associação é principalmente arte em cerâmica, feita de argila. Segundo, Maria Alice Porto Rossi², a cerâmica é uma das mais antigas atividades que a civilização criou. Desde o domínio do fogo o homem deixou vestígios de utensílios de cerâmica, embora não se sabe ao certo quando foi utilizado pela primeira vez o material argiloso. Assim, a cerâmica é uma atividade que se mantém inalterável, até hoje, onde seus principais fundamentos são: obter a argila - processar - moldar - secar - queimar. “O aspecto

exterior da cerâmica pode ser variado, porém sua essência é uma só: terra, ou seja, argila. A argila como síntese, simboliza a própria matéria, pois segue o ciclo dos antigos gregos: terra - água - ar - fogo” (ROSSI, 2005, p.6).

As formas de aprendizagem estão dentro daquilo que se entende por artesanato, segundo texto elaborado pelo Projeto Experimental Artesanato da Escola de Belas Artes da UFMG/2001 (**Arte & Artesanato**), ou seja, o artesanato é prático, sendo informal sua aprendizagem. O que o artesão faz, cria-o ele próprio ou aprende observando como faz, pela vivência e pela imitação. Não há aulas teóricas, “aprende-se a fazer, fazendo; pratica-se porque quer; age-se voluntariamente. Vai daí o acentuado cunho pessoal do trabalho artesanal [...]”.

Ida Sanches Monaco relata que a Associação surgiu com a ajuda de Gabriel Vandoni de Barros e Maria do Barro:

É... sabe o que acontece... teve a esposa do Dr. Fadah, uma artista plástica, Marina, ela fez um curso de cerâmica pras pessoas do círculo de amizade dela. Várias senhoras fizeram esse curso. Terminado o curso, eu e a Josephina e uma outra senhora, descobrimos que o Prodarte, antigo departamento do INCRA (órgão do governo do Estado), ia dar um curso nos bairros de periferia, ‘pros’ ribeirinhos, prás esposas dos pescadores. Era um curso de cerâmica “utilitárias”. Eu e a Josephina sempre gostamos muito de fazer cerâmica, eu mais pra fazer escultura, mais pra fazer um outro tipo de arte no barro e a Josephina era mais fazer artesanato... ela fazia tanto utilitários como decorativos. Ficamos conhecendo D. Maria do Barro, ‘tava’ monitora do Incri, do Prodarte. Como duas curiosas, fomos lá, perguntamos, e... acho que D. Maria (do Barro) gostou da gente, e deu essa chance pra nós fazermos o curso. Marina, esposa do Dr. Fadah era muito amiga do Dr. Gabriel Vandoni de Barros veio um dia ver onde é que estávamos fazendo o curso, aqui na beira do rio, com ‘Dr. Gabi’... no começo era só meio assim, né...

[...] a criançada do bairro, as crianças do bairro nos rodeavam, ficavam assim... eu falei: ‘Dr. Gabi’, o senhor não quer construir um barracão pra nós ensinarmos essas crianças? Aí, ele muito calmo, muito assim, ele falou: Tá. Aí ele se comprometeu a construir um ‘barraco’. D. Maria do Barro, ela nos orientou a formação de uma associação, deu todas as dicas, toda documentação, como era formado. Então teve uma reunião com os

rapazes do bairro, e Josephina, [...] com apoio do 'Dr. Gabi' foi formada uma associação. O barracão que eles nos prometeu foi essa bela arquitetura que você está vendo. Formada a associação... o que aconteceu? Podia ser uma associação só nossa, particular, orientar os meninos mais talentosos... nós começamos a prestar serviço pra comunidade, sem fins lucrativos... as crianças do bairro se cadastraram, foi formada a associação com a orientação da D. Maria do Barro... [...] o menino entrava, tornava-se um associado. A produção na venda, 80% é dele e 20% pra contribuição dos gastos. No começo tivemos apoio dos bons prefeitos: Dr. Fadah, depois entrou Dr. Hugo, depois Dr. Ricardo... No começo nós tínhamos merenda, nós tínhamos funcionário da prefeitura... aí, nas outras gestões... nos outros prefeitos, nos foi tirando, nos foi tirando, hoje a associação ela se mantém sozinha, com os 20% dos associados contribui...

Ao final ela faz um apelo às autoridades e diz que a Associação é a realização de um sonho:

Eu gostaria de acrescentar que as autoridades municipais, governamentais, valorizassem um pouquinho mais pelo serviço que nós prestamos... é muito raro ter 23 anos de funcionamento... você pode acrescentar aí: 'No começo foi um sonho meu, o meu ideal... 23 anos, e eu consegui... se eu morrer amanhã, eu fiz algo nesse mundo...'

Lourival Moraes de Fernandes, artesão e formado em Pedagogia (atuando na área), nos relata como foi seu início na Casa, da falta de apoio dos órgãos de governo aos trabalhos desenvolvidos, sobre os trabalhos desenvolvidos com as crianças, destacando que as mesmas têm família. O objetivo, segundo ele, é 'prá que elas amanhã, não estejam nas ruas':

Meu nome é Lourival Moraes de Fernandes, tenho 32 anos... tem 22 anos já que eu frequento a Casa do Massa Barro. Prá mim poder vir pra cá... e de início a minha opção foi mais pelo artesanato mesmo, coisa que eu já me identifiquei desde pequeno... gostei de ver...já gostava de desenho, né... então o lugar foi bastante propício, porque ficou perto da minha casa, então facilitou muito a minha vinda pra cá. Aí um período eu estudava outro período vinha pra cá... até 16 anos mais ou menos [...] ... passei a frequentar período integral, mesmo assim não deixei de estudar, né... continuei fazendo outros cursos, fiz curso de guia de turismo, outros cursos também pelo SENAC. Aí fui me espe-

cializando na área de cerâmica mesmo... eu me considero assim um profissional com a cerâmica, com o artesanato... mas com relação ao trabalho social que a gente vem desenvolvendo, eu por estar aqui desde o começo, vendo as dificuldades, sabendo os caminhos que a gente vem percorrendo, as situações adversas que acontecem do dia-a-dia, eu fui me dedicando também pra esse lado social, ajudando tanto a Diretora, a Vice-Diretora, no caso o Tesoureiro também... então, por estar a mais tempo assim junto com pessoal já que vem desenvolvendo este tipo de trabalho, eu continuei frequentando. Poderia ter deixado de frequentar... assumir uma outra profissão, guia de turismo mesmo, então estar dando aula... agora como formado em pedagogia... estou dando aula em período integral. [...] Eu trabalho com pré-escola, pré 1,2 e 3 e... isso (a Casa do Massa Barro) foi muito importante também pra mim na minha formação... primeiro por estar trabalhando com artes e jovens, então facilitou muito a “facilidade” que eu tenho pra trabalhar dentro da área, não fugiu naquilo que eu venho... [...] quando eu vim pra cá tava no começo do projeto ainda, tava bem recente, tinha menos de um ano... aliás, era uma época até da fundação da associação... então como já tinha alguns artesãos que entendiam de artesanato... então fui me espelhando naquelas pessoas, [...] nunca tive um curso específico [...] na verdade quando passamos pras crianças são técnicas, depende muito de cada criança...

...o ponto “x” que eu acho assim que é ponto forte daqui é a criatividade das crianças, a criatividade, a força de vontade... infelizmente nós não temos muito apoio... falta apoio, incentivo material... falta... às vezes, é um incentivo por órgãos municipais... deveriam participar mais... além do mais eles conhecem o projeto, sabe como é que funciona e por ser uma associação independente, acho que às vezes preferem fundar uma nova entidade, incentivar uma outra coisa, é... do que apoiar o que já está em andamento. Por exemplo, quando nós colocamos o artesanato pras crianças a gente não quer dizer que está tirando as crianças da rua, nós não ‘tamos’ fazendo isso... nós estamos trabalhando as crianças pra que amanhã ou depois não estejam na rua... porque é fácil falar que é menino de rua, menino carente, mas tem que ver outros aspectos que tem essa criança. Ela tem casa? Tem. Tem pai, tem mãe... tem sua família... [...] ela estuda... não quer dizer que ele está na rua ela esteja jogada e a gente vai lá e acolhe a criança, né... as crianças vem espontaneamente, não tem obrigação de ficar, não temos horário pra que eles entrem ou saiam... [...] Hoje, como sempre o governo diz

em incentivo, falam que não apoiar... principalmente em época de eleições, época política... vem, conversam, faz filmagem, faz propaganda do estabelecimento, da instituição, mas na verdade depois que são eleitos, né, quando a gente pensa em cobrar alguma coisa eles fogem, né... muda de assunto, fala que tá vindo recurso, ou fala que tá tendo um novo projeto que vai ser pra artesanato, para as crianças... quando na verdade não vem incentivo nenhum... a gestão passa, fica 'pro' próximo... o próximo, com isso já tem 23 anos a "casa"... [...] poderia funcionar melhor se tivesse incentivo e apoio...

Ricardo Alexandre Moraes de Fernandes, artesão nascido em Corumbá, começou a trabalhar na Casa do Massa Barro há mais de 15 anos, hoje com 28 anos e cursando segundo ano (4º semestre) em Administração. Seu pensamento em relação à Casa é que é um local onde se propicia a criatividade, dando uma profissão a quem está menos favorecido. Espera que a Associação continue, dando assistência às crianças e adolescentes, tirando-os da rua e da marginalidade. Ele relata como começou e como é o aprendizado:

[...]

Comecei a trabalhar aqui mais de 15 anos, era praticamente uma criança que... eu vinha acompanhar o meu irmão mais velho, ele vinha e às vezes eu vinha junto porque não tinha muita coisa que fazer em casa, ou coisa parecida, às vezes eu resolvia acompanhá-lo. [...]

Porque era pra acompanhar meu irmão mesmo, porque se não viesse pra cá não sabia o que fazer... ia tá na rua... brincando... não sei... em beira de rio pescando...

[...]

A princípio quando a gente começa a trabalhar aqui, tem uma pequena orientação das pessoas que estão há mais tempo na casa. A gente simplesmente senta do lado e vai observando como que é feito cada trabalho, aí as pessoas dão algumas orientações básicas onde a gente aprende aqui o manejo né, inicial... e depois é colocado em prática assim a nossa criatividade. A criança desde cedo já começa a colocar em prática a criatividade dele... porque a gente é livre pra fazer o trabalho que quiser, a quantidade que quiser, o tamanho... não tem um trabalho padronizado pra seguir.

[...]

Aqui no começo ele vai fazer um pouco de tudo, aquele trabalho que ele se identifica mais, tem mais afinidade, aquilo ali que ele vai aperfeiçoando cada vez mais. Pode ser pássaro, pode ser qualquer animal, ou qualquer imagem sacra que a gente trabalha aqui também.

A partir dos relatos podemos a criação do artesão como expressão da cultura, entendida aqui como diferentes maneiras para se resolver os problemas da vida associativa. E a arte, como um componente da cultura é uma necessidade antropológica de comunicação da identidade e da realidade humana objetiva.

Um fator de extrema importância para o desenvolvimento local, para Emília Kashimoto *et alii* (2002), é a cultura popular local na medida em que por ser oriunda das relações entre a comunidade do lugar e o seu meio (natural e social) permite a configuração da identidade do Lugar e de sua população. Afirma assim que a valorização da cultura popular contribui para que a sociedade fortaleça a individualização e a auto-estima diante do “outro”, numa busca de desenvolvimento originário de sua própria criatividade e conforme os seus valores. Já a cultura erudita local, observa nas suas principais manifestações que é, entre outros, a literatura, as artes plásticas, o cinema, em seu processo de difusão em espaços exteriores aos do limite do lugar, serve como veículo de informações sobre esse mesmo lugar, podendo reforçar a auto-estima das populações locais e fortalecer o intercâmbio necessário ao bom andamento do desenvolvimento do lugar. É premissa para o desenvolvimento se conhecer em profundidade a identidade, cultura local, reconhecer essa auto-identificação cultural de forma a se tornar protagonista do seu processo de desenvolvimento local.

Para dimensionar sobre cultura e desenvolvimento Kliksberg (2001), cita Lourdes Arizpe (1998) e V. Iglesias (1997). Assim temos Lourdes Arizpe (1998) assinalando que a cultura passou a ser o último aspecto inexplorado dos esforços que se desenvolvem em nível internacional, para fomentar o desenvolvimento econômico. V. Iglesias (1997) ressalta que há múltiplos aspectos na cultura de cada povo que podem favorecer seu desenvolvimento econômico e social; é preciso descobri-los, potencializá-los, e apoiar-se neles, e fazer isto com seriedade significa rever a agenda do desenvolvimento de um

modo que resulte posteriormente, mais eficaz, porque tomará em conta potencialidades da realidade que são de sua essência e que, até agora, foram geralmente ignoradas. Para Kliksberg o desenvolvimento cultural é um fim em si mesmo nas sociedades, avançar neste campo significa enriquecer espiritual e historicamente uma sociedade e seus indivíduos. Os grupos pobres, assinala o autor, não têm riquezas materiais, mas têm uma bagagem cultural, o respeito profundo por sua cultura criará condições favoráveis para a utilização, no âmbito dos programas sociais, de saberes acumulados, tradições, modos de vincular-se com a natureza, capacidades culturais naturais para a auto-organização, que podem ser de grande utilidade. Para o crucial tema da identidade coletiva e da auto-estima a consideração e valorização da cultura dos setores desfavorecidos é um ponto chave. Conclui então que marginalidade e pobreza são acompanhadas por desvalorizações culturais, ao se desvalorizar a cultura, também está se enfraquecendo a identidade.

Então ficaram voluntárias D. Ida como Diretora e Josephina Vice-Diretora. Houve eleição desde essa época, a cada dois anos tem eleição, só concorre quem é matriculado no Massa Barro. A instituição só tem meninos e rapazes. Houve uma tentativa de ser misto, tanto meninos quanto meninas, mas ficou impossibilitado pela própria convivência das crianças, não se adaptaram, e para evitar ‘problemas’ optaram por ficar com os meninos até porque eles demonstraram muito mais vocação para a atividade artesanal desenvolvida.

O objetivo principal da associação é despertar e estimular crianças e rapazes carentes da região, o gosto pela cerâmica e ao artesanato em geral. Tem um “aspecto de inclusão social” à medida que através do artesanato seja proporcionado às crianças, de uma maneira geral, tirá-las da rua e da marginalidade, colaborando assim com a comunidade ao lhes dar um ofício e uma ocupação. Embora não seja de caráter obrigatório (as crianças permanecem na associação enquanto quiserem), faz com que tenham responsabilidade, num labor útil e digno, onde podem auxiliar suas respectivas famílias ao comercializar suas peças e delas obter oitenta por cento do valor comercializado das peças.

Devido ao fato antropológico básico da essencial sociabilidade do homem, a sociedade ocupa uma posição privilegiada entre as formações culturais do homem, embora, afirma Berger (1985), nos apareça como apenas um aspecto da cultura. A sociedade é tão importante, que o homem um ser que sempre vive em coletividades, perde a sua humanidade quando afastado do convívio dos outros homens. Construir um mundo é sempre inevitavelmente um empreendimento coletivo, onde se fabricam instrumentos, inventam línguas, aderem a valores, concebem instituições. A sociedade é uma condição necessária da cultura. “A sociedade estrutura, distribui e coordena as atividades de construção do mundo desenvolvidas pelo homem. E só na sociedade os produtos dessas atividades podem durar” (BERGER, 1985, p.20-26).

Os vinte por cento dos recursos ganhos de suas peças vendidas são destinados à Associação para cobrir gastos com, entre outros, IPTU, energia elétrica, água, materiais para o artesanato (tintas, pincéis, fita adesiva e outros), gás, material de limpeza e higiene, e gêneros alimentícios. Outra fonte de recurso da Casa do Massa Barro, atualmente, vem do Fórum, especificamente do Juizado Especial de Pequenas Causas Criminais de Corumbá. Nos “pequenos crimes”, as pessoas que tem posses o Juizado determina a doação de um valor, hoje um salário mínimo em duas vezes, a algumas instituições inscritas no Fórum, que é o caso da Casa do Massa Barro, a qual mensalmente manda documentação para não perder a inscrição, bem como presta contas ao Fórum sobre a utilização do recurso recebido.

O aspecto social do artesanato, mencionando pelo Projeto Experimental Artesanato da Escola de Belas Artes da UFMG/2001, por possibilitar ao artesão melhores condições de vida e atuar contra o desemprego, pode ser considerado elemento de inclusão social: um sistema de trabalho que conta com a participação ativa da família, centro de vida é também núcleo de aprendizagem profissional. Segundo este Projeto o artesanato abrange também os valores artístico, pedagógico, moral, terapêutico, cultural e psicológico. Artístico por despertar as aptidões latentes do obreiro e aprimorar-lhe o intelecto. Pedagógico à medida que os trabalhos manuais são de grande valor para a criança em idade

escolar. Moral, pois o artesanato pode dar causa ao aperfeiçoamento espiritual e moral do artesão, sendo certo que o trabalho afasta a pessoa dos vícios e da delinqüência. Terapêutico por abrandar o temperamento hostil ou agitado de pessoas. Psicológico ao o artesão se sentir valorizado com sua arte porque faz objetos que têm serventia e isto lhe dá a certeza íntima de ser útil à comunidade. E, finalmente, cultural, ao imprimir traços de sua cultura nos objetos que produz, consciente ou inconscientemente. “Muitas de suas tradições, como símbolos mágicos e crenças, ficam marcadas em suas peças”.

A argila da Casa do Massa Barro atualmente é fornecida pelas olarias da região (antes iam buscar de canoa na margem oposta do rio Paraguai, o que era muito perigoso). As olarias fornecem a argila, mas a associação paga o frete de transporte. A argila fornecida é de tijolos quebrados (antes de passar pelo forno) que seriam jogados fora, porque depois que passa pelo forno se transforma em cerâmica. O próprio artesão confecciona os seus acessórios para trabalhar, mas alguns precisam ser comprados, como o arame e a lixa de unha de metal.

As peças confeccionadas têm boa aceitação tanto por turistas brasileiros como por turistas estrangeiros, principalmente por serem sobre os motivos pantaneiros, tais como a flora e fauna. Com a argila as crianças e adolescentes, artesãos na entidade, modelam exemplares com riqueza de detalhes: são figuras de tuiuiús, garças brancas, jacarés, capivaras, araras, tucanos e onças-pintadas, difundidas e valorizadas até na Europa. Tem também a imagem de São Francisco estilizada e a imagem de Nossa Senhora do Pantanal.

Para Langer (1980, p. 27), uma obra de arte freqüentemente é uma expressão espontânea do sentimento, isto é, um sintoma do estado de espírito do artista. Assim, segundo esta autora, pode-se dizer que ela “expressa”, em outro sentido, a vida da sociedade da qual se origina, para indicar costumes, vestimentas, comportamento, e para refletir confusão ou decoro, violência ou paz. E, além de todas essas coisas, afirma a autora, ela expressa com certeza os pesadelos e desejos inconscientes de seu autor.

Onde está a identidade? Onde se manifesta essa cultura? Para Le Bourlegat (2000) “a vida se desenvolve em todas as suas dimensões” *no lugar*. “Com o lugar vivido como materialidade impregnada de valores” é que o ser humano se identifica. Temos então, segundo a autora, que a ordem interna construída no lugar, tecida pela história e pela cultura, produz a identidade. É através dessa identidade que o ser humano se comunica com o resto do mundo (SANTOS, 1987). Portanto, continua a autora, o conteúdo do lugar oferece condições para o acontecer, o momento criativo da consciência emerge quando os indivíduos conseguem interpretar as raízes de sua cultura construída no lugar, nascida das relações profundas entre o homem e seu meio, para voltar-se a mudanças capazes de garantir a integridade coletiva. Contudo, é também no lugar que indivíduos e coletividades se submetem a toda forma de ameaças, podendo ter sua existência deteriorada (BOURLEGAT, 2000, p.18).

Nossa Senhora do Pantanal é a Virgem Maria, é a Senhora “de todos nós” por que simplesmente é a mãe de Jesus, declara Dom Milton Santos, Bispo Diocesano em documento datado de 16 de setembro de 2001, ocasião da comemoração dos duzentos e vinte e três anos de Corumbá⁹. Ida Sanches Monaco relata que desejosos em homenagear a mãe de Deus Maria, ela (Ida Sanches) buscou inspiração e “criou” uma imagem singela de Maria que representasse a gratidão desse povo simples e abençoado, sendo batizada pelo ‘benfeitor’ Gabriel Vandoni de Barros de Nossa Senhora do Pantanal. Isso ocorreu em 04 de outubro de 1982. O modelo padrão, segundo Dom Milton revela os traços de Nossa Senhora Aparecida. “A Virgem Morena está de pé, feições finas, mãos postas sobre o peito, toda envolta em manto bordado com folhas e flores de camalotes nas cores verde e lilás.” Sobre a cabeça uma coroa das pequenas folhas e flores de camalotes, onde os três botões de flores que se sobressaem às folhas do camalote simbolizam o íntimo relacionamento da Virgem Maria com as Pessoas da Santíssima Trindade: Filha predileta do Pai; Mãe de Jesus e Sacrário do Espírito Santo. Tem aos pés da Santa uma cortina de camalotes e um par de sandálias, uma sobreposta a outras, as “*lendárias sandálias do Frei Mariano*”, símbolo de um estado de culpa do povo por se sentir incapaz de defender o missionário de calúnias e maus tratos.

Langer (1980, p. 417) afirma que a arte não afeta a viabilidade da vida tanto quanto afeta sua qualidade e nesse sentido ela é afim à religião já que esta é força dominante na sociedade, ou seja, quando a imaginação religiosa é a força dominante na sociedade, a arte dificilmente é separável dela; pois uma grande abundância de emoções reais acompanha a experiência religiosa. A religião, conclui, na realidade está alimentando a arte, o que for sagrado para as pessoas inspira a concepção artística.

As peças são confeccionadas em função das peças mais procuradas, mas os artesãos fazem um pouco também daquelas que não são muito procuradas. Os trabalhos mais procurados são: Nossa Senhora do Pantanal, São Francisco, onça, tuiuiú e o jacaré. Os artesãos trabalham também por encomenda, em se tratando de pássaro ou outro animal, mesmo que não seja típico da região, se as pessoas fornecem uma foto, alguma imagem de revista ou coisa parecida eles conseguem reproduzir. Em termos de identificação dos trabalhos através de embalagens chegou a ser estudada a possibilidade, mas, não era viável considerando que o custo seria muito alto. O que é utilizado hoje para embalagem das peças são caixas de papelão e papel higiênico.

Quem faz o atendimento aos turistas são os artesãos mais velhos ou a Diretoria, que são a Ida e a Josephina e o Carlos na Tesouraria. A divulgação dos trabalhos é feita pela mídia local (televisão e jornal). O turista, segundo a Associação, adquire os trabalhos porque associa com a região, acha bonito, o preço é acessível e é uma forma de estar levando uma lembrança da região. O preço das peças é baseado no trabalho, no tempo que se leva para a peça ser feita (a mão-de-obra), mais os custos dos materiais. Segundo a Associação, não se perde, é um preço bom, pois o objetivo principal não visa o lucro e sim acolher os meninos para que eles não fiquem na rua, tendo em vista que o bairro, embora já tenha melhorado, ainda é foco de drogas.

Embora a Casa Massa Barro esteja no roteiro turístico da cidade, os guias muitas vezes não seguem esse roteiro, fazem um roteiro diferente, de forma a se beneficiar. Isso ocorria principalmente no período em que o turismo na Bolívia estava no auge. Para resolver a situação

foi feito um editorial expondo o que estava ocorrendo, o que fez com que eles voltassem a cumprir o roteiro estabelecido. Outro problema enfrentado é com relação aos guias de outros Estados, em especial do Rio de Janeiro, que querem “exigir” brindes, escolhendo as peças mais caras, até por ignorar a forma de funcionamento da Associação.

A matrícula na Casa do Massa Barro é feita pelos próprios meninos (raramente aparece uma mãe), onde são exigidos alguns documentos, como certidão de nascimento, uma conta de luz e uma declaração do colégio em que eles estejam matriculados. Além de matriculados é preciso que estejam freqüentando. Antes não se exigia nada. Ao longo da experiência foram optando por aceitar somente meninos entre 9 e 16 anos. Segundo Carlos, nessa idade “tem jeito, eles melhoram”.

Segundo Carlos os jovens artesãos, pelo trabalho realizado no Massa Barro, já decoraram carros alegóricos de escola de samba do Rio de Janeiro, a convite de Joãozinho Trinta, tendo como tema a natureza. Carlos relata ainda a importância da Associação na vida dos meninos, pois 80% (da venda das peças) auxiliam muito a família.

O Massa Barro, por falta de espaço físico, não trabalha com estoque das peças, tudo o que é confeccionado é vendido. Já foi pensado em se fazer um acervo fotográfico das peças, principalmente das peças mais difíceis de confeccionar, mas tal projeto não chegou a ser realizado. Segundo o artesão Ricardo, ao ser indagado sobre a possibilidade de perda deste registro da peça, afirma que ocorre muito pouco, pois, com a memória do artesão que ainda pode estar atuando no Massa Barro, ou, também com a descrição da peça é possível reproduzi-la. Afirma que não há concorrência em Corumbá com os trabalhos do Massa Barro, pois, embora possa haver trabalhos similares, estes trabalhos são desenvolvidos apenas com intuito social, não há comercialização. Entretanto, sabe-se que em outras cidades do Estado existe desenvolvimento de trabalho similar ao Massa Barro. Para Ricardo o Massa Barro tem importância fundamental na vida das crianças da região. Ricardo Alexandre Moraes de Fernandes, nasceu em 18/ago/1977, em Corumbá, começou a trabalhar na Casa do Massa

Barro há mais de 15 anos, hoje com 28 anos e cursando segundo ano (4º semestre) em Administração.

De 1998 até ago/2005 já foram realizadas um total de 827 inscrições pela Associação, dando uma média de 103 por ano. O ano que houve o maior número de inscritos foi de 1999 com 131 inscritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Casa do Massa Barro, um Projeto de associação artesanal em cerâmica com 23 anos de existência, dentro do que se propôs demonstrou que deu certo. Surge como uma proposta de inclusão social à medida que através do artesanato proporciona às crianças, de uma maneira geral, tirá-las da rua e da marginalidade, colaborando assim com a comunidade ao lhes dar uma profissão (artesão) e uma ocupação. Possibilita aos seus associados melhores condições de vida e atua contra o desemprego, um dos problemas enfrentados pelo município.

Isto vem de encontro com o “núcleo conceitual” do desenvolvimento local, segundo Ávila (2000), que consiste essencialmente no efetivo desabrochamento das capacidades, competências e habilidades de uma “comunidade definida” (portanto com interesses comuns e situada em determinado território ou local com identidade social e histórica), no sentido de ela mesma se tornar paulatinamente apta a agenciar e gerenciar (diagnosticar, tomar decisões, planejar, agir, avaliar, controlar, etc.) o aproveitamento dos potenciais próprios, assim como a “metabolização” comunitária de insumos e investimentos públicos e privados externos, visando à processual busca de soluções para os problemas, necessidades e aspirações, de toda ordem e natureza, que mais direta e cotidianamente lhe dizem respeito.

Dentro daquilo que a Associação se propôs, ela cumpriu seus objetivos e muito bem. Têm associados (artesãos) com nível superior concluído e em conclusão. Mas há uma preocupação dos seus fundadores sobre a sua continuidade. Sabemos que a Casa do Massa Barro, enquanto cultura, faz parte da tradição. Mesmo que deixe de existir como ‘Casa do Massa Barro’, vai continuar existindo mesmo com a ausência dos fundadores, será passado para as futuras gerações, vai

continuar se manifestando de outra forma. Mas, para continuar existindo como esta Associação instituída será preciso buscar alternativas para o crescimento e fortalecimento da atividade artesanal, num esforço de dar tratamento empresarial para o setor, tais como:

- 1) Estimular o empreendedorismo nos artesãos que precisam encarar a atividade como um negócio;
- 2) Criar uma 'marca' para identificar e dar um diferencial às peças, tornando-as únicas;
- 3) Criar uma etiqueta que identifica o artesão, a história e a matéria prima da peça;
- 4) Capacitação dos artesãos sobre a organização da produção: cumprir prazos, oferecer produtos de qualidade, a embalagem (preocupação com a logística do transporte, pois o produto terá de chegar às mãos do comprador da mesma forma como foi embalado pelo artesão), apresentação e comercialização dos produtos;
- 5) Adquirir e desenvolver a cultura exportadora: contextualização, conhecer os procedimentos, quais os incentivos e financiamento do negócio;
- 6) Criar um *site* para comercializar as peças;
- 7) Aquisição de um computador;
- 8) Aquisição de uma máquina fotográfica digital;
- 9) Criar um banco de dados para acervo fotográfico das peças;
- 10) Criar um banco de dados onde serão armazenadas todas as referências dos associados (artesãos): pessoais e de produção;
- 11) Fazer parcerias com SEBRAE, SENAI e outros afins para o desenvolvimento técnico dos associados, bem como promoção e fortalecimento da Casa do Massa Barro;
- 12) Buscar apoio na sociedade em geral e no Governo (Lei de Incentivo à Cultura).

NOTAS

¹ ROSSI, Maria Alice Porto. A cerâmica. Disponível em: <www.portorossi.art.br/a_cerâmica.htm>. Acesso em: 6 out. 2005.

² Ofício do Bispo Dom Milton Santos enviado a Prefeitura Municipal de Corumbá, em 16 de setembro de 2001.

REFERÊNCIAS

Arte & Artesanato. Projeto Experimental Artesanato da Escola de Belas Artes da UFMG/2001. Disponível em: <<http://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/26marco.html>>. Acesso em: em 10 ago. 2005.

ÁVILA, Vicente Fideles de. Pressupostos para Formação Educacional em Desenvolvimento Local. *Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, Campo Grande-MS: UCDB, v.1, n.1, p.63-76, set. 2000.

BARROS, Maria Cristina Lanza de (Org.). *ATLAS: Inclusão/Exclusão Social*. Corumbá: UFMS, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 4.ed. São Paulo-SP: Perspectiva, 2000.

BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado – elementos para uma teoria psicológica da religião*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1985.

BNDES – Banco Federativo – Municípios em dados. Disponível em: <www.federativo.bndes.gov.br/fbdg.htm>. Acesso em: 8 jun. 2005.

BOISIER, Sérgio. Sociedad del conocimiento, conocimiento social y gestión territorial. *Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, Campo Grande-MS: UCDB, n.3, p.9-28, set. 2001.

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

BOURLEGAT, Cleonice Alexandre Le. Ordem local como força interna de desenvolvimento. In: *Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, Campo Grande-MS: UCDB, v.1, n.1, p.13-20, set. 2000.

Brasil – Mato Grosso do Sul. Disponível em: <www.portalbrasil.eti.br/estados_ms.htm>. Acesso em: 2 set. 2005.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. As perspectivas dos estudos geográficos. In: CHRISTOFOLETTI, A. (ed.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985. Disponível em: <ivairr.sites.uol.com.br/tuan.htm>. Acesso em: 15 fev. 2005.

- CORREA, Lúcia Salsa. *História e fronteira: o sul de Mato Grosso (1870-1920)*. Campo Grande-MS: UCDB, 1999.
- Corumbá-MS. Site do município. Disponível em: <<http://www.corumba.ms.gov.br>>. 2005.
- Corumbá: Mapas. Disponível em: <www.mapasturisticos.com.br>. Acesso em: 29 ago. 2005.
- Corumbá: Histórico. Disponível em: <<http://www.corumba.com.br/historico.html>>. Acesso em: 17 jun. 2004.
- Corumbá: Pontos Turísticos. Disponível em: <www.corumba.com.br/english/pontos.html>. Acesso em: 17 jun. 2004.
- Corumbá: Vistas. Disponível em: <www.corumba.com.br/vistas/vistas_corumba.html>. Acesso em: 2 set. 2005.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- FEIJÓ, Maria Cristina; ASSIS, Simone Gonçalves de. O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. *Estud. psicol. (Natal)*, v.9, n.1, p.157-66, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 28 out. 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HERMET, Guy. *Cultura e desenvolvimento*. Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.
- ITO, Claudemira Azevedo. *Corumbá: o espaço da cidade através do tempo*. Campo Grande-MS: UFMS, 2000.
- KASHIMOTO, Emília; MARINHO, Marcelo; RUSSEF Ivan. Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. *Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, n.4, p.35-42, mar. 2002.
- KLIKSBERG, Bernardo. *Falácias e mitos do desenvolvimento local*. São Paulo: Cortez/UNESP, 2001.
- LACERDA JÚNIOR[i], Benjamin de. *Algumas reflexões sobre as relações de poder e o uso do território no município de Rio Verde-GO, 2004*. Disponível em: <http://www.cibergeo.org/agbnacional/VICBG-2004/Eixo1/e1_contsn1.htm>.

- LANGER, Susanne K. *Sentimento e forma*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- LEITE, Fernando. *Corumbá - histórica e turística: 1778/1978*. Rio de Janeiro: Primor, 1978.
- LISBOA, Josefa Bispo de. *Territorialidade do associativismo rural: estratégias e formação de espaço público*. NPGEO/UFS (Jobilis@ig.com.br). Orientadora Profa. Dra. Alexandrina Luz Conceição.
- MARIANO NETO, Belarmino. *Geografia cultural e construção do indivíduo liberal*. Jun/2004. (essencialismo@fenomenologia: Geografia Cultural e Construção do essencialismo.blogs.sapo.pt/arquivo/178390.html)
- MENEZES, Deise Matos do Amparo; BRASIL, Kátia Cristina T. Dimensões psíquicas e sociais da criança e do adolescente em situação de rua. *Psicol. Reflex. Crit.*, v.11, n.2, p.327-44, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 28 out. 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- OLIVEIRA, Ruteir Cunha de. *Plano de Governo*. Corumbá-MS: [s.n.], 2004.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- Pólos de Ecoturismo Sul/Centro-Oeste. Disponível em: <www.terra-planejamento.com.br/polos/sulco/bodoquema.htm>. Acesso em: 17 jun. 2004.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Lugares malditos. *Rev. bras. Hist.*, v.19, n.37, p.195-216, set 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 28 out. 2005.
- PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: <www.pnud.org.br>. Acesso em: 3 set. 2005.
- REUNIÃO Brasileira de Antropologia, 22. Fórum de Pesquisa 3: Conflitos Socioambientais e Unidades de Conservação.
- RIBEIRO, Miguel Angelo Campos; MATTOS, Rogério Botelho de. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. *Revista Território*, 1 (1), 1996, p.60-76.
- RMTOnline: turismo. Disponível em: <<http://rmtonline.globo.com/ms/turismo/turismo.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2004.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião*: uma abordagem geográfica, geografia cultural. 2.ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

ROSSI, Maria Alice Porto. *A cerâmica*. Disponível em: <www.portorossi.art.br/a_ceramica.htm>. Acesso em: 6 out. 2005.

SANCHES, Juan Eugenio. *Poder y Espacio*. Universidade de Barcelona, año IV, n. 23, Septiembre 1979. Disponível em: <www.ub.es/geogcrit/sn-94-60.htm>. Acesso em: 17 fev. 2005.

SEBRAE MS – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Mato Grosso do Sul. Centro de Informações Turísticas e Culturais/Pensão Pimentel – Morada dos Baís, Campo Grande-MS. Disponível em: <www.ms.sebrae.com.br>. Acesso em: 16 jun. 2004.

SEPLANCT - Secretaria de Planejamento e de Ciência e Tecnologia do governo do Estado de Mato Grosso do Sul. Banco de Dados do Estado-BDE/MS.

Disponível em: <www.seplanct.ms.gov.br>. Acesso em: ago. 2005.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. Disponível em: <www.unesco.org.br>; <www.iphan.gov.br>. Acesso em: 9 jul. 2005.

VIEIRA, Maria do Carmo. *Territorialidade em áreas urbanas*. XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Fórum de Pesquisa 3: “Conflitos Socioambientais e Unidades de Conservação”. Brasília, jul. 2000. Disponível em: <[ftp.unb.br/pub/UNB/dan/F3-22RBA/sessao1/vieira.rtf](ftp://ftp.unb.br/pub/UNB/dan/F3-22RBA/sessao1/vieira.rtf)>. Acesso em: 23 dez. 2004.